

Di Nata

No telex aos credores a verdade que o governo nega

O telex enviado pelo Banco Central ao comitê de assessoramento bancário, representante das centenas de instituições financeiras credoras do País, constitui prova inequívoca de tudo aquilo que temos afirmado em nossos editoriais sobre o governo da "Nova" República, que mente despidoradamente aos 135 milhões de brasileiros 24 horas por dia e durante os 365 dias do ano. O documento — divulgado na sexta-feira com exclusividade pelo correspondente do Jornal da Tarde e do Estado de S. Paulo, em Washington, Moisés Rabinovici — alinha um conjunto de medidas ortodoxas que poderia ser subscrito pelos economistas do Fundo Monetário International, só faltando mesmo uma maxidesvalorização do cruzado.

Nossa indignação, evidentemente, dirige-se contra a dupla personalidade do governo Sarney, que fala um tipo de linguagem para agradar aos xiitas do PMDB (e aos xenófobos de toda espécie) e adota uma posição realista diante dos credores externos. Tão realista que esse telex pode ser considerado uma carta de intenção muito mais de acordo com o receituário ortodoxo do que as outras cartas desse tipo efetivamente assinadas com o FMI pelo sr. Delfim Netto.

Na verdade, as medidas que estão sendo atualmente aplicadas e que foram relacionadas pelo BC delineiam uma política recessiva (a única possível numa conjuntura como a nossa), além de estarem bastante próximas das expectativas do conjunto dos credores. No entanto, inexplicavelmente, o governo age como se esta verdade clara não pudesse ser dita à Nação. A esta cabem apenas pagar as contas, sem reclamar e sem ao menos o direito de ser informada corretamente sobre o que está acontecendo de fato nesta tragicomédia da moratória. Assim, no mesmo dia em que o governo mandava uma comunicação oficial aos credores externos para avisar que "a economia está em estado de rápido e marcado desaquecimento", o presidente Sarney discursava em Brasília, para se queixar dos que falam em crise, afirmando que "...o Brasil apresenta a taxa mais alta do crescimento mundial no mundo ocidental, tem o terceiro maior saldo exportador e colhe a maior safra de sua história", sendo, portanto, a crise brasileira "uma crise de crescimento, de progresso, que está mais nas pessoas do que realmente nas coisas".

Depois de ouvir essas palavras, que obviamente dizem respeito ao exagerado crescimento de nossa economia no ano passado — que resultou em desastre do Plano Cruzado —, temos a impressão de que ela contém uma verdade gritante. A crise, de fato, está nas pessoas. Nas pessoas que mentem ao povo brasileiro, considerando-o despreparado para tomar conhecimento das verdades levadas aos credores nas conversas a portas fechadas ou nos textos como o que o BC enviou com o objetivo de conseguir a manutenção das linhas de crédito de curto prazo, e que só foi divulgado, no Brasil, com exclusividade pelo Jornal da Tarde e pelo O Estado de S. Paulo porque nosso correspondente em Washington nele esbarrou quase por acaso...

O telex descreve todos os elementos da política de ajuste interno, a começar por um forte aumento dos impostos, que "estão agora indexados às Obrigações do Tesouro Nacional (OTN). Isso deverá aumentar as arrecadações em 20%". Em seguida, o governo diz aos bancos que está executando uma política monetária rígida, assumindo o compromisso de continuar nessa direção. "Os meios de pagamento baixaram 25% em janeiro e ainda mais 10% em fevereiro. Taxas de juros reais positivas produziram substancial aumento no fluxo das poupanças." E há também a clássica intenção de controlar as empresas estatais, com a transferência para o Ministério da Fazenda da Secretaria Especial para Controle de Estatais, e de garantir um efetivo controle orçamentário, com a passagem da Secretaria de Finanças e Orçamento para as mãos do superministro Dílson Funaro, que agora conta com um "Tesouro Nacional Unificado". Uma criação da Nova República, pois no Exterior, nos países eficientemente administrados, o Tesouro é simplesmente o Tesouro, nada mais.

Ainda segundo o telex enviado aos bancos, o governo se compromete a incorporar essas medidas aos programas governamentais a serem anunciados em futuro próximo. Ou seja, internamente continuamos fiéis à retórica fácil do crescimento, mas aos nossos credores estrangeiros asseguramos nossa disposição de ajustar da maneira mais ortodoxa conhecida a nossa economia, já que este — apesar das asneiras todos os dias repetidas em nome da soberania nacional — é o único caminho possível. Então por que este governo continua a negar para o seu próprio povo a realidade que reconhece lá fora, ainda mais quando é este tipo de discurso que ele faz aqui dentro que está provocando as únicas reações adversas dos nossos credores, todos, em princípio, dispostos a contribuir para a solução dos problemas brasileiros? Como este governo espera continuar enganando o povo brasileiro depois que fizer o acordo com os credores e depois que o acordo se revelar como ele realmente é? Em quem porá a culpa pela recessão (ou o "rápido e marcado desaquecimento") quando ela chegar com toda a força? Como a explicará?

Mas voltemos ao texto do telex do Banco Central no capítulo II, que se refere à "Situação financeira externa". Ele começa assim: "Como os senhores sabem, devendo ao nível inaceitavelmente baixo de suas reservas (grifo nosso), no dia 20 de fevereiro de 1987, o Brasil suspendeu o pagamento dos juros... Esta medida deve ser temporária e assim que as tendências econômicas favoráveis desritas acima permitirem que as reservas retornem a um nível apropriado, o Brasil irá reassumir imediatamente os seus pagamentos de juros e reduzir os seus juros atrasados devidos" (grifos nossos).

E, novamente, perguntamos ao ministro Dílson Funaro: mas a decisão de declarar a moratória não tinha sido "política"? O Brasil não estava com "reservas folgadas" para arriscar-se a esta jogada temerária com o fim de "forçar o mundo a mudar", já que o Brasil estava certo? O que determinou a moratória não foi a tentativa "segura" de obrigar o sistema financeiro internacional a reformar as suas normas "ultrapassadas", que por acaso são estas mesmas que quando aplicadas pelo senhor produzem as "tendências econômicas favoráveis" descritas neste telex? E aquelas condições todas que o senhor vive repetindo, para suspender a moratória? Então a condição incontornável não seria "um tratamento diferente daquele proposto pelo FMI" e a aceitação pelos banqueiros de "uma nova ordem" no tratamento do problema dos endividados? Ou tudo isto é só "papo furado"?

Como se vê, só se pode acreditar no que dizem e assinam os representantes deste governo tão zeloso da "soberania nacional", quando eles dizem alguma coisa aos estrangeiros. Os brasileiros não merecem satisfações...